

"No permitas ahora que ellos 'descubran' que el tercer nombre de Martí era Popov": disputas pela memória de José Martí na revista *Mariel* (1983-1985)¹

"No permitas ahora que ellos 'descubran' que el tercer nombre de Martí era Popov": disputes over the memory of José Martí in *Revista Mariel* (1983-1985)

Caroline Maria Ferreira Drummond²

¹ Este artigo é um desdobramento de uma seção do capítulo 3 da dissertação de mestrado "Exílio, literatura, intelectuais e política em *Mariel – Revista de Literatura y Arte* (1983-1985)", realizada com financiamento da CAPES e defendida em dezembro de 2018 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

² Mestre em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. E-mail: caroldrummond@gmail.com.

RESUMO

Mariel – Revista de Literatura y Arte foi fundada em 1983, em Miami, por escritores cubanos exilados nos Estados Unidos durante o exílio massivo de *Mariel* (1980), e circulou até 1985 nos Estados Unidos, América Latina e Europa. Em nosso estudo, analisamos como os intelectuais que colaboraram com a revista debateram a obra de José Martí, o exílio e a identidade nacional. Nossa proposta central é compreender como o projeto editorial constituiu uma oposição política ao governo revolucionário cubano durante o exílio nos Estados Unidos, por meio de disputas pelas memórias da Revolução e da intelectualidade cubana. Dessa forma, investigamos a seção *Confluencias* da revista, que estabelecia um “contra-cânone” combativo da literatura cubana.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Cubana; Exílio; Intelectuais.

ABSTRACT

Mariel - Revista de Literatura y Arte was founded in 1983, in Miami, by Cuban writers exiled in the United State during *Mariel*'s massive exile (1980). It circulated until 1985 in the United States, Latin America and Europe. In our study, we analyzed how the intellectuals who collaborated on the magazine debated José Martí's work, exile and national identity. Our main objective is to understand how the editorial project constituted a political opposition to the Cuban revolutionary government during exile in the United States, through disputes over the memories of the Cuban Revolution and intellectuals. Thus, we investigated the *Confluencias* section of the magazine, which worked as a combative “counter-canon” of Cuban literature

KEYWORDS: Cuban Revolution; Exile; Intellectuals.

Introdução

Segundo Arturo Arango (2007), Ambrosio Fonet (2007), Fernando Martínez Heredia (2007), Silvia Miskulin (2009) e Emilio J. Gallardo Saborido (2013), a década de 1970 em Cuba foi uma etapa de profunda dogmatização ideológica, endurecimento e fechamento no campo cultural, acentuando-se o controle estatal sobre o meio intelectual. A existência de uma arte não comprometida politicamente e caracterizada por um discurso analítico e crítico sobre a sociedade cubana foi descartada pela política cultural, valorizando-se produções próximas ao realismo socialista.

O Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura, realizado em 1971, foi um marco no estabelecimento da ideia de uma “unidade monolítica”, contrária a uma unidade abarcadora da pluralidade de tendências e opiniões que conviviam no interior da Revolução. Determinou-se que a arte e a literatura deveriam exercer um papel educativo em relação às massas, ajudando a eliminar os resquícios da sociedade capitalista, em detrimento da análise crítica da realidade. Durante a década de 1970, muitos artistas vinculados ao pensamento católico ou considerados demasiadamente “liberais” não foram publicados na ilha. Exigia-se, mais do que em outros momentos, o compromisso do intelectual com a construção e a defesa da Revolução.

Entre abril e setembro de 1980, cerca de 125.000 cubanos deixaram a ilha rumo aos Estados Unidos, durante o exílio massivo de *Mariel*, entre os quais havia jovens escritores, artistas plásticos e poetas que não se enquadravam na restritiva política cultural adotada pela Revolução durante a década de 1970. Vários destes artistas eram homossexuais. A tentativa de expressarem suas ideias no exílio e de se organizarem como grupo levou à colaboração em projetos editoriais já existentes e à criação de várias revistas em diferentes

idades dos Estados Unidos.

Mariel – Revista de Literatura y Arte foi fundada em 1983, em Miami, e circulou até 1985 nos Estados Unidos, América Latina e Europa. Seu Conselho de Direção era composto pelos escritores Reinaldo Arenas, Reinaldo García Ramos, e pelo artista plástico e escritor Juan Abreu. Já o Conselho Editorial, além dos escritores supracitados, era formado também pelos cubanos Carlos Victoria, Roberto Valero, René Cifuentes e Luis de La Paz. As atividades administrativas ficavam a cargo da escritora Marcia Morgado, e a reconhecida antropóloga cubana Lydia Cabrera, exilada em Miami ainda nos primeiros anos da Revolução Cubana, atuou como assessora da publicação, somando significativo capital cultural à revista.

Segundo Rickley Leandro Marques (2012, p. 215-236), as narrativas dos marielistas constituem “memórias subterrâneas” da Revolução Cubana, que, como partes integrantes de culturas minoritárias no regime revolucionário, opõem-se à “memória oficial”, no caso, à memória nacional, disputando as histórias de suas juventudes na ilha durante o exílio. O desterro nos Estados Unidos permitiu a emergência na esfera pública de certas lembranças “subterrâneas” de um grupo até então marginalizado na sociedade cubana (MARQUES, 2012, p. 215-236).

A publicação que pesquisamos possuía uma seção permanente dedicada a homenagear escritores cubanos que os marielistas entendiam que haviam sido esquecidos ou deturpados pelo regime revolucionário cubano, denominada *Confluencias*:

En esta sección, nos esforzamos por rescatar obras poco conocidas de nuestra cultura, o que hayan sido deformadas o silenciadas por la burocracia del castrismo. Si los artistas que las crearon han dejado de existir, sus obras confluyen hacia nosotros, para que nos iluminemos con su esplendor. Cada obra

será seguida de un ensayo, que intentará contribuir a su correcta apreciación. (*Mariel*, n. 1, 1983, p. 16.)

Compreendemos que, através de suas obras, realizava-se uma releitura do passado e de concepções da identidade cubanas, a partir de uma seleção da produção literária nacional. Concordamos, ainda, com Ottmar Ette (1985), quando afirma que tal seleção conformava um “contra-cânone” da literatura cubana, concebendo outra noção da cultura nacional que possuía um caráter combativo:

Es evidente que el canon de autores así establecido sirve como base de una concepción de la cultura cubana para los escritores de la (autollamada) generación de Mariel, tanto la inclusión como la exclusión u omisión de autores tiene una significación paradigmática para el grupo. En este sentido, y considerando los ensayos y las presentaciones de la sección "Confluencias", que continuamente se refieren a la visión de o al silencio en torno a ciertos escritores en la isla, se puede hablar de un verdadero contra-canon de la literatura cubana, de un carácter combativo fundamental (ETTE, 1985, p. 84).

Além de disputarem a memória de uma série de autores ao selecioná-los e proporem a “apreciação correta” de suas obras, os marielistas consideravam-se, ainda, como herdeiros das obras e escritores que “confluíam” até eles. Entendemos que inventavam uma tradição que teria sido formada por esses escritores e na qual a revista se inseriria. Segundo Joel Candau (2012, p. 121-122), a tradição deve estar de acordo com o presente de onde obtém sua significação. Ela “será autêntica, quer dizer que terá sua força – a de conferir aos membros de um grupo o sentimento de compartilhamento de sua própria perpetuação enquanto tal – de sua autoridade, aquela de uma transmissão efetiva e aceita” (CANDAU, 2012, p. 121-122).

A tradição corresponde a um “universo de significações coletivas no qual

as experiências cotidianas que inscrevem os indivíduos e os grupos no caos são reportadas a uma ordem imutável, necessária e preexistente aos indivíduos e aos grupos" (CANDAU, 2012, p. 121). O que a define, principalmente, é que confere ao passado uma autoridade transcendente. Sua justificativa se encontra não apenas em assegurar uma continuidade fictícia ou real entre o passado e o presente, mas também em satisfazer uma lógica identificadora no interior do grupo (CANDAU, 2012, p. 121). Nesse processo de identificação, o exílio, o passado colonial, as lutas de independência do século XIX e a homossexualidade exerceram funções importantes em *Mariel*, como abordaremos neste artigo.

Entendemos, portanto, que o contra-cânone construído na revista pode nos fornecer indícios importantes sobre como a revista pensou e disputou a cultura cubana, a identidade nacional e a pauta homossexual. A revista homenageou escritores dos movimentos Romântico e Modernista do século XIX, sendo eles José María Heredia, Juan Clemente Zenea, Gertrudis Gómez de Avellaneda, Luisa Pérez de Zambrana, Julián del Casal e José Martí; e, os escritores do século XX, José Manuel Poveda, Enrique Labrador Ruiz, Carlos Montenegro, Gastón Baquero, José Lezama Lima e Virgilio Piñera. Neste artigo, nos focaremos em um dos intelectuais cuja memória foi disputada com o regime revolucionário cubano: José Martí, cuja obra e biografia a revista considerava que a Revolução havia deturpado.

José Martí e a literatura do século XIX

Durante o século XX, a cultura e a política em Cuba, dentro e fora da ilha, foram, em grande medida, construídas a partir da influência de José Martí. Os regimes autoritários de Gerardo Machado (1925-1933) e Fulgencio Batista

(1952-1959); a derrubada de Machado em 1933³; o assalto ao quartel de Moncada em 1953; a Revolução de 1959; as Constituições de 1940 e 1976; entre outros, invocaram a figura e as ideias martianas. Desde as primeiras décadas do século XX, Martí se converteu em uma figura de adoração e culto para a sociedade cubana. Esse culto começou como uma mostra de nostalgia entre os amigos do poeta e uma prática da cultura popular da emigração repatriada após a independência. Na década de 1920, entretanto, a veneração a José Martí se transformou em uma "liturgia de la religión civil cubana", à qual apelavam políticos e intelectuais de todas as orientações ideológicas. A partir de então, uma quantidade significativa de políticos e intelectuais cubanos utilizaram da vinculação às ideias martianas a fim de construir uma credibilidade nacionalista (ROJAS, 2008, p. 146):

Machado, Grau, Prío, Chibás y Castro; Mella, Lizaso, Marinello, Mañach y Lezama; Guillén, Carpentier, Baquero, Piñera y Vitier... Todos fueron martianos, a su manera; es decir, fueron martianos aunque el Martí de cada uno fuera distinto. Justo en esa diversa y, a la vez, unánime profesión de fé reside el misterio de la fuerza del mito fundacional de José Martí en Cuba (ROJAS, 2008, p. 146).

Segundo Rafael Rojas (2008, p. 164), o pensamento martiano é marcado pela ideia clássica de cidadania, republicanismo, ideia moderna da sociedade,

³ O governo de Machado enfrentava enorme resistência por parte da opinião pública, sob impacto de crise econômica. A partir de 1930, vários motins e distúrbios ocorreram, e uma greve geral eclodira, atendendo a uma convocação da Confederación Nacional Obrera de Cuba (CNOC). A oposição crescia e muitos especulavam que Machado não concluiria seu mandato – prorrogado por seis anos pelo Congresso – em 1935. Tentativas insurrecionais e sublevações perduraram, bem como a repressão governamental. Entretanto, em 1933, uma greve geral dos transportes, convocada pela CNOC e pelo Partido Comunista, estendeu-se por todo o país. O Exército, a Marinha, o Corpo de Aviação rebelaram-se, exigindo-lhe a renúncia, como também o fez o embaixador dos Estados Unidos, Sumner Welles. Em tais circunstâncias, Machado abandonou o poder (BANDEIRA, 1998, p. 88-90).

americanismo, compreensão múltipla dos direitos públicos, entusiasmo moral e política anti-intelectual. Todas as evocações e guerras pela memória tecidas em nome de Martí e executadas por movimentos intelectuais de elite ou de massas, partiram da denúncia de um esquecimento ou de uma falsificação anterior (Rojas, 2008, p. 151). A revista *Mariel* iniciou seu último número, dedicado a uma homenagem ao mártir da independência cubana, com o seguinte poema do ex-presos político Armando Valladares:

¡Escúchame Señor que todo puedes!
los antihistoriadores
están aquí buscando
examinan archivos
fe de bautismos
antiguos documentos...
Yo sé bien lo que buscan
- yo lo sé -
y tengo miedo Señor y estoy inquieto,
No permitas ahora
que ellos "descubran"
que el tercer nombre de Martí era Popov
e que nuestro Apóstol también era soviético
No lo permitas Señor...Amén! (VALLADARES, 1985, p. 3.)

Partia-se, portanto, do pressuposto de uma deturpação das ideias de José Martí e da própria história por parte do regime revolucionário cubano, pois, após 1961, a Revolução passou a associar as ideias martianas à defesa do socialismo. A partir da década de 1960, o regime cubano articulou ideias socialistas, nacionalistas e anti-imperialistas – reivindicando as ideias martianas. A obra de Martí foi uma das principais inspirações político-ideológicas para o Movimento 26 de Julho e a Revolução Cubana de 1959. Os manifestos políticos e poemas do poeta foram amplamente utilizados por Fidel Castro, que postulou para si e para os que participaram do ataque ao Moncada o título de “geração do centenário”, em alusão ao centenário do nascimento

desse personagem da independência cubana, filiando-se aos ideais martianos (SADER, 1986, p. 22).

Quando, após a fracassada tentativa de assalto ao quartel Moncada em 1953, Fidel Castro foi preso e interrogado sobre quem havia sido o autor intelectual daquela ação, recorreu a Martí. Em *La historia me absolverá*, Castro retomou essa ideia, filiando-se aos ideais de liberdade martianos:

De igual modo se prohibió que llegaran a mis manos los libros de Martí; parece que la censura de la prisión los consideró demasiado subversivos. ¿O será porque yo dije que Martí era el autor intelectual del 26 de Julio? Se impidió, además, que trajese a este juicio ninguna obra de consulta sobre cualquier otra materia. ¡No importa en absoluto! Traigo en el corazón las doctrinas del Maestro y en el pensamiento las nobles ideas de todos los hombres que han defendido la libertad de los pueblos (CASTRO, 1953, p. 9).

Após a vitória do M-26-7, em 1959, a referência às ideias de Martí esteve presente em alguns dos principais documentos do país: *Primeira Declaração de Havana* (1960), *Segunda Declaração de Havana* (1962) e na *Constituição da República de Cuba* (1976). Os principais aspectos de seu pensamento retomados pelos revolucionários são o anti-imperialismo e o americanismo. O anti-imperialismo e a ideia dos Estados Unidos como inimigo externo são elementos essenciais no nacionalismo cubano após 1959 e na retórica de sustentação do governo revolucionário. Na *Primeira Declaração de Havana*, de 1960, afirmou-se:

La Asamblea General Nacional del Pueblo rechaza asimismo el intento de preservar la doctrina de Monroe, utilizada hasta ahora, como lo previera José Martí, para extender el dominio en América de los imperialistas voraces, para inyectar mejor el veneno también denunciado a tiempo por José Martí, el veneno de los empréstitos de los canales, de los ferrocarriles...(CASTRO, 1960, p. 1 – 2).

Ao longo dos anos, as ideias martianas foram, paulatinamente, sendo associadas pelo regime revolucionário às ideias socialistas, principalmente a partir de 1961. Dessa maneira, ainda em 1960, Che Guevara utilizou o pensamento martiano para defender a construção de uma nova ordem social: “‘Con los pobres de la tierra quiero yo mi suerte echar’, decía Martí...y así mismo, interpretando sus palabras, lo hicimos nosotros. Hemos venido puestos por el pueblo y dispuestos a seguir aquí hasta que el pueblo lo quiera, a destruir todas las injusticias y a implantar un nuevo orden social” (GUEVARA, 1960, para. 22).

Fidel Castro, em suas conversas com Frei Betto de 10 a 26 de maio de 1985, afirmou: “Antes de ser marxista, fui un gran admirador de la historia de nuestro país y de Martí, fui martiano. [...] Porque estoy absolutamente convencido de que si Martí hubiera vivido en el medio en que vivió Marx, habría tenido las mismas ideas, más o menos la misma actuación” (CASTRO, 1985, p. 159). Anos mais tarde, em 1991, quando iniciava-se em Cuba o Período Especial em Tempos de Paz⁴, decorrente da queda da União Soviética, Castro novamente recorreu à Martí para fazer a defesa do socialismo e inseriu a Revolução de 1959 dentro do processo de independência cubano iniciado em 1868:

Si el imperialismo pudiera poner de rodillas a Cuba, si pudiera de nuevo implantar el capitalismo en nuestro país, ¿qué quedaría de todo lo que hemos hecho a lo largo de 123

⁴ Em 1990, a Revolução deparou-se com o fim dos Estados socialistas da Europa oriental, o fim dos subsídios de petróleo fornecidos pela URSS e a queda na importação de víveres pelos seus aliados comerciais. A ilha se encontrava em grave crise econômica e, para que o regime não percesse, foi necessária a realização da abertura econômica do país, por meio de uma estratégia gradualista com forte condução do Estado. Algumas das consequências do período foram o acirramento do racionamento de energia, de água e de alimentos, a legalização do dólar e do trabalho autônomo, assim como a abertura a investimentos estrangeiros e ao turismo (GOTT, 2006, p. 321-334.).

años? ¿Convertirnos en un Puerto Rico, que todavía no ha podido, ni siquiera, izar aquella bandera tan parecida a la nuestra, que Martí quiso que nos acompañara en nuestra gesta heroica por la libertad? ¿Convertirnos en un Miami, con toda la repugnante podredumbre de esa sociedad? [...] Socialismo o Muerte!; Patria o Muerte! (CASTRO, 1991, para. 224)

Como afirmou Armando Hart (como citado por Cañizares Cárdenas, 2008, p. 5), "el marxismo en cada país se entronca con un pensamiento"; no caso cubano, com o pensamento martiano, que foi relido e apropriado no processo de construção de ideias originais que mesclam, entre outros, a obra do filósofo alemão com a do "apóstolo". A construção de uma continuidade entre os objetivos e as ideias do herói nacional da ilha e a Revolução de 1959, no caso, insere o regime revolucionário em uma "tradição" nacional de luta por soberania e liberdade, o legitimando através do recurso ao passado e à história.

Mariel rechaçava a leitura de Martí realizada pelo governo revolucionário e, principalmente, a vinculação do martianismo ao socialismo. A Revolução se apresentava como perpetuadora do projeto martiano de soberania nacional e independência. De acordo com os discursos oficiais, a Revolução de 1959 seria continuação da Guerra dos Dez Anos (1868)⁵ e teria concluído, de fato, o processo de independência cubano iniciado no século XIX e pelo qual Martí morreu lutando. Mais do que criticar a leitura do pensamento martiano realizada pelo regime revolucionário, atacava-se diretamente a memória oficial construída e respaldada por este, classificada por Valladares como "antihistória" no poema de abertura do número 8 da revista.

A perspectiva da memória coletiva oficial e da própria historiografia

⁵ Guerra civil comandada por Carlos Manuel de Céspedes, Manuel de Quesada, Antonio Maceo e Máximo Gómez, cujo propósito era romper com a dominação espanhola. A guerra de independência durou dez anos, até que foi derrotada pelos espanhóis. Anos depois, os propósitos independentistas foram retomados por José Martí e o Partido Revolucionário Cubano.

cubana como construção duvidosa está fortemente presente em vários dos escritos publicados na edição. Carlos Victoria, no artigo *Nota sobre una estrella que ilumina y mata*, afirmou que “no se puede confiar en la autenticidad de las láminas. Los deseos trastornan las imagenes: las dotan de matices de claridad o sombra que en la realidad nunca tuvieron” (VICTORIA, 1985, p. 7). Rosie M. Henken, em artigo que aborda a obra de Carlos Ripoll, historiador cubano exilado nos Estados Unidos, citou um trecho do livro *José Martí, The United States and the Marxist Interpretation of Cuban History*:

In 1984 Orwell's character O'Brien explains a slogan of "The Party" on control of the past: "Who controls the past controls the future; who controls the present controls the past". Underlying the slogan is the conviction that history exists to be manipulated for party ends. In the case of Cuba, once in control of the present, the Castro regime took control of the past, and it has used that control, where Martí is concerned, to make him seem an advocate of its policies. (RIPOLL, Citado por HENKEN, 1985, p. 38)

Ripoll apontava para a manipulação da memória e da história por meio do poder político. Além de deslegitimar as leituras do passado realizadas pelo governo cubano e por aqueles que aderiram à Revolução, o historiador associava o regime a uma distopia totalitária, como forma de crítica ao governo cubano. Segundo Jacques Le Goff:

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. [...] A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre

e na angústia. Mas a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder (LE GOFF, 2003, p. 419-476).

Ao questionar as memórias da Revolução e sua identidade, *Mariel* opunha-se e atacava, portanto, os discursos que a legitimam, inserindo-se na disputa política a partir das figuras da cultura cubana que reivindicava e resgatava. Este é o fio condutor de toda a seção *Confluencias*, porém se torna mais evidente, devido às menções diretas à memória e à história, na homenagem a José Martí.

Já em artigo do professor cubano Oscar Fernández de la Veja, a vinculação do martianismo ao marxismo foi entendida como “profanação”, atribuindo caráter sagrado a Martí, “mentira”, “engano” e “distorção feita pelos inimigos da liberdade”:

Un régimen marxista puede apoyarse, total o parcialmente, en las teorías del citado judío alemán o de sus continuadores Engels y Lenin como de cualquiera de los revisionistas posteriores. Pero no en Martí. Un régimen económico-político-social marxista del todo o marxista a medias que pretenda justificarse y lance al mundo como plataforma fundamental el martismo, es un engaño. [...] El martismo es una cosa y el marxismo es otra. Sigán los marxistas luchando por lo suyo, con escrúpulos o sin ellos, con diplomacia o con violencia, con pacifismo o con guerrillas...pero no con martismo, por que eso es una profanación y una mentira. Martí fue un "revolucionario sin odio" (recuérdese un ensayo, con ese título, de Francisco Ichaso), que creyó en revoluciones con sentido positivo y constructivo cuando la evolución se detiene en estancamiento. Martí, pues, no fue un materialista frío de los que ven en cada hombre una tuerca o un poste; sino un ser de carne y hueso pero con un alma: afirmó haber "visto" el alma dos veces. Martí fue un demócrata que supo entender la afirmación que los Estados Unidos de América trajeron al mundo y también les cantó las cuarenta, y hasta las ochenta, cuando mensuró las fallas de la Democracia porque aquellos contemporáneos suyos se apartaban de las doctrinas que habían implantado

Washington, Jefferson, Franklin, Lincoln y los demás...Martí no combatió sólo um imperialismo, que ya crecía muy amenazante sobre los pueblos de Hispano-América; Martí atacó a todos los imperialismos, lo mismo al que se anexaba territorios tan grandes con Tejas o Texas, que al que levantaba un território de intrusión en las tierras de Hidalgo, Morelos y Juárezo [...] A pesar del enemigo que nos odia y del incomprensivo que nos detesta, somos únicamente martistas. ¡Con t, no con equis! Siempre martistas...En Martí está todo lo que nos enaltece ("honrar, honra") y todo lo capaz de sublimarnos. Lo que nos libera y, nos redime, en fin. Todavía podemos salvarnos: con Martí. Martí siempre. ¡Siempre Martí! (FERNÁNDEZ DE LA VEGA, 1985, p. 19.).

Assim como Fernández de la Vega, *Mariel* rechaçava o marxismo, compreendido como perpetuador da violência e do autoritarismo, entendia o bloco socialista como imperialista, e compreendia as ideias de José Martí como vinculadas à cultura política democrática, na qual a publicação se inseriria. A estratégia de utilizar ideias do “apóstolo” para ratificar as ideias da revista é frequente no número 8, bem como foi utilizada por todos aqueles que se consideraram martianos devido ao seu capital simbólico:

[...] los principales actores culturales y políticos de la historia cubana justificarán sus prácticas com exégesis del texto martiano y adornarán sus poderes com el ícono apostólico. Pierre Bourdieu lo afirma claramente em sus Meditaciones pascalianas: la principal inversión para cualquier poder es un buen capital simbólico. Martí há sido eso: el símbolo nacional más mercantilizado de la política cubana em el siglo XX, la moneda de cambio más activa en la guerra de los emblemas (ROJAS, 2008, p. 151).

Nesta guerra de emblemas, muitos dos textos publicados na revista abordaram Martí e sua obra de modo a focar os elementos presentes em seu pensamento que entravam em choque com a realidade política da ilha, como a defesa das liberdades políticas e individuais. Além de textos que refletem sobre

o pensamento martiano, foram publicados poemas e trechos de obras do próprio "apóstolo". Juntamente a uma seleção de poemas, veiculou-se fragmentos dos artigos de Martí *El presidio político en Cuba*, *Carta al Director de El Partido Liberal* - acrescida do título "*La libertad política*" pela revista -, e *De Cabo Haitiano a Dos Ríos*, trecho do diário de Martí durante a guerra de independência cubana.

As ideias republicanas e as noções de cidadania do "mártir" da independência cubana foram frequentemente associadas à democracia norte-americana, como na crônica *El gozoso gentío*, de Luis Felipe Roca. Roca inseriu citações de obras do "apóstolo" em seu texto, conferindo legitimidade às suas ideias, e exaltou seu país-anfitrião como o mais livre na face da terra:

Me ha dado vergüenza nombrarte mientras atravieso la Avenida Michigan, ahora oscura a pesar del mediodía. Siento culpabilidad al recordar tu vida y heroico suicidio, si puedo llamarlo así, rechazando la hondura y profundidad del hecho. Lo que renace en esta mañana es el hielo, no el fango: "Del fango de la calle quisiera hacerse, el miserable que vive sin libertad, la vestidura que le asienta. Los que no te tienen no deben hablar de tí, sino conquistarte". ¡Conquistarte! No, no quiero este sentimiento de culpa; deseo, aquí y ahora, destejer mi pasado, irme a la otra acera a disfrutar del gozoso gentío. [...] la juventud, de zapatos blancos o botas, gorra o pañuelos en los cabellos - la juventud de todas las razas del universo -, corre desenfrenadamente ante la nueva señal del policía, e invade el "Stadium Soldier-Field" para presenciar un partido de foot-ball. Sofocados llegamos, y ellos, con su gigantesca energía nerviosa, desaparecen en las puertas numeradas. Adentro, en otro plano, como una enfermedad colectiva, el grito humano nos da una manifestación catártica. No hay en la faz de la tierra un pueblo más libre que éste. Es terrible. "Terrible es, libertad, hablar de ti para el que no te tiene." (ROCA, 1985, p. 11)

Discordava-se, portanto, dos discursos oficiais cubanos, fortemente centrados nos EUA como ameaça externa e na retórica anti-imperialista. De

forma similar, em resenha do livro *José Martí, The United States and the Marxist Interpretation of Cuban History*, do historiador cubano exilado Carlos Ripoll, ressaltava-se a relevância do pensamento de Martí para as Américas. Criticava-se os “historiadores marxistas” e afirmava-se que a publicação da obra de Ripoll havia influenciado o presidente Reagan a citar o poeta como defensor dos princípios democráticos, ao colocar o nome de Radio Martí⁶ na emissora fundada em 1983. Ressaltamos que a atuação dos grupos de lobbying cubanos pode ter exercido maior influência na escolha do nome da emissora. A resenha citava a embaixadora dos Estados Unidos nas Nações Unidas, entre 1981 e 1985, Jeane J. Kirkpatrick⁷, que também incluía Martí na “tradição democrática” e acusava o governo cubano de distorcer suas ideias para que o “apóstolo” se assemelhasse a um defensor do socialismo:

Antes de la revolución cubana, pocos norteamericanos sabíamos de Martí, pero el régimen de Castro, con la ayuda de sus amigos en este país, inició una campaña para presentar a Martí como un antiimperialista y como un precursor de la ideología comunista. Al presentar en inglés los pensamientos de Martí, y al denunciar las tergiversaciones del marxismo leninismo, Carlos Ripoll le ha hecho un gran servicio a los Estados Unidos. Después de la publicación de su libro *José Martí: Thoughts/Pensamientos - a Bilingual Anthology*, importantes figuras de la presente administración, incluyendo al propio

⁶ Estação de rádio com base em Miami, fundada em 1983, e financiada pelo governo norte-americano. O projeto de lei foi aprovado no Congresso norte-americano com o apoio da administração Reagan, da Cuban American National Foundation e de seu fundador Jorge Mas Canosa, nomeado por Reagan como membro da Comissão de Transmissão para Cuba. A estação pretende transmitir a Cuba uma programação independente, contra o regime cubano, desenvolvendo, assim, pressões públicas contra o governo de Havana. Em 1990, adicionou-se a TV Martí ao projeto (MORRONE, 2008, p. 78-83).

⁷ Conselheira de políticas externas durante a administração Reagan e primeira mulher estadunidense a servir como embaixadora nas Nações Unidas. Conhecida por posturas neoconservadoras, anticomunistas e por sua tolerância com regimes autoritários. JEANE KIRKPATRICK. *Britannica.com*. Disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Jeane-Kirkpatrick>>. Acesso em 21 maio 2021.

presidente Reagan, empezaron a citar a Martí como un defensor de los principios democráticos y luego, cuando se decidió transmitir noticias a Cuba, se le puso a la radioemisora el nombre de "Radio Martí". El nuevo libro del profesor Ripoll, *José Martí, The United States and the Marxist Interpretation of Cuban History* (New Brunswick, U.S.A. and London, U.K.; Transaction Books, 1984) analiza con el mayor acierto los temas mencionados en el título: las ideas de Martí, sus juicios sobre la democracia norteamericana y las manipulaciones de los historiadores marxistas. La embajadora Jeane J. Kirkpatrick ha dicho con justicia sobre este libro: "Professor Ripoll's book is a valiant and well documented defense of Jose Martí, a champion of democracy and liberty in this hemisphere. Jose Marti's aspirations for a just and progressive society are often distorted by enemies of freedom to make him appear a forerunner of ideologies alien to human values and rights. Carlos Ripoll's book clarifies the issues; illuminates Martí's commitments and places him squarely in the democratic tradition, the only tradition to which he belongs" (HENKEN, 1985, p. 38).

A revista, desse modo, interpretou Martí como um defensor dos princípios democráticos, o associando ao seu país-anfitrião e à aceção liberal de liberdade.

É importante ressaltar, ainda, que o Martí de *Mariel* é, fundamentalmente, o Martí exilado. A experiência exílica e os "males da ausência"⁸ provocados pelo desterro, como conflitos e crises de identidade, deslocamento e inadequação, nostalgia, tristeza e ressentimento são temas caros nas narrativas dos marielistas e também estão presentes nas obras do herói nacional cubano, que, em 1871, exilou-se na Espanha e, posteriormente, nos Estados Unidos. Dessa maneira, recorre-se, frequentemente, à Martí para se refletir sobre essa experiência. Segundo Reinaldo Arenas:

Los cubanos, en nuestro quisquilloso afán contradictorio, nos hemos inventado toda una galería de innumerables "Marties".

⁸ Ver Queiroz, 1998.

Así, contamos naturalmente con un Martí Apóstol, con un Martí romántico, con un Martí modernista, con un Martí idealista, con un Martí realista, con un Martí antiimperialista, con un Martí casto y con un Martí erótico, con un Martí ateo, con un Martí católico, tenemos hasta un Martí "autor intelectual del asalto al Cuartel Moncada", y hasta un Martí marxista, precursos nada menos que del Partido Comunista de Cuba...Ante tal variedad, casi se sienten deseos de rogar al público que pase y escoja el ejemplar que mejor le convenga. Y de esta manera todos quedaríamos satisfechos...En realidad pocos personajes de nuestra historia (quizás ningún otro) han sido interpretados, para el provecho de cada cual, de tan distinta y contradictoria forma. Sin embargo, no muchos se han detenido a estudiar (comprender) el Martí desgarrado, el Martí hombre solitario y escéptico, espiritualmente desesperado, a un paso del suicidio, autor de su obra más cercana a nosotros: Martí, poeta en el exilio, en un paisaje geográfica y espiritualmente extraño. [...] En la poesía cubana del siglo XIX Martí representa su culminación. Su vida en soledad, destierro y lucha, representan también la culminación de un desgarramiento, de una fatalidad, de un dolor nacional e íntimo que sólo encuentra en el aullido desesperado del poema consuelo para seguir aullando (ARENAS, 1984, p. 23).

Aqueles que se exilaram após a Revolução de 1959 foram amplamente representados pelo regime cubano como traidores da pátria, sem compromisso social e político com Cuba. As divisões entre os “de dentro” e os “de fora” da ilha ocorreram em Cuba e em parcela da comunidade de exilados. Muitos dos que deixaram Cuba foram excluídos do cânone literário oficial. Em relação aos marielitos, a rejeição e a campanha de estigmatização foram ainda mais intensas. Dessa maneira, enfatizar o exílio do maior herói nacional de Cuba era, também, uma forma de legitimar os discursos e o lugar social e político dos “de fora” da ilha e da própria geração de Mariel. O reconhecimento social e intelectual dos marielistas era um dos objetivos principais do projeto identitário da geração de Mariel, e entendemos que a figura de Martí foi apropriada na revista, também, com essa finalidade. De acordo com Julio Ramos, as narrativas

de exílio de Martí projetam constantemente uma narrativa nacionalista:

Resto, simulacro, descontinuidade. Sobre a experiência do fluxo migratório, a escrita martiana impõe uma economia do sujeito, hierarquizando os lugares – o aqui e o lá – numa espécie de topografia simbólica que torna possível a identificação do sujeito. Nessa topografia, o itinerário da viagem registra o processo de uma perda, de uma desintegração. O que parte perde e corre o risco de, em contato com a terra alheia, de se converter em eco, em resto, em simulacro ou insignificante. O emigrante é um portador de vestígios. Como a outra face da insistente perda da qual o poema trata, no outro lado do mar se constrói a plenitude, a prioridade, a estabilidade da “minha terra”; ou seja, a essência extraviada pelo sujeito migrante. Ligada inelutavelmente a uma imaginação telúrica e territorializadora, essa essência aparece como o próprio centro da identidade, constituindo a região capital, digamos, tanto dos valores que regulam as posições e a circulação do sentido no texto, como do mapa simbólico que fixa seu centro e sua periferia, o interior, as fronteiras e o outro lado do território nacional. O discurso sobre a viagem, como perda e desarraigo, projeta insistentemente a articulação de uma retórica nacionalista, que, por outro lado, não cessa de registrar a espessura se sua aporia (RAMOS, 2008, p. 291).

O exílio e o sofrimento, assim, eram fatores que conferiam unidade e continuidade entre o herói nacional e a geração de Mariel, como defende Arenas em *Martí ante el bosque encantado*, no número oito da revista:

Al parecer el hombre no ha nacido para aceptar la realidad, o por lo menos la realidad, o las realidades más evidentes, que son casi siempre las más siniestras. En el caso de José Martí, cuya trascendencia e imagen supera lo puramente literario, siendo ya para casi todos los cubanos un mito y una obsesión, esa realidad evidente y terrible fue el destierro y por lo tanto su anhelo de regreso a una patria redimida. De ahí la contemporaneidad de este hombre para todos los cubanos: él es símbolo y fe de lo más sublime - la necesidad de libertad - y espejo de lo más terrible - el destierro -. El es la pasión y la contradicción, la acción y el éxtasis, la soledad y el amor, el

escepticismo y la fe, el suicidio y la vida. El es - y ahí radica la clave de que nos resulte imprescindible - *nosotros mismos*. A partir del destierro Martí deja - *dejamos* - lo que *nos* (le) es más imprescindible y jamás podremos trasladar: la complicidad de una circunstancia que es nuestra propia vida. [...] nosotros, **aquéllos**, ahora acá, ahora **éstos**, también somos criaturas exclusivas, es decir algo irrepitible, como todo ser humano, formado de una memoria y de una nostalgia. Y esa memoria y esa nostalgia no es solamente de lugares y gentes con quienes convivimos: esa nostalgia es por eso que quedó allá y somos nosotros mismos. [...] En Martí - en *nosotros* -, al principio esa llamada del bosque encantado, esas voces, se manifiestan leves, sutiles, casi imperceptibles. Es como una enfermedad que, por atroz, necesitase de una taimada y lenta incubación. Se invoca entonces, casi con furia, una prisión; luego, un arroyo, una playa, un hijo. Así, lentamente, al paso del tiempo, el bosque sigue exhalando sus ineludibles vaharadas. Ahora ya son palmares, um carro de hojas verdes, mares espumosos, inaccesibles montañas; todo aún más desesperadamente amado, porque sabemos que *el tirano mancilla y se apodera de nuestro paisaje no solamente destruyéndolo, sino también impidiéndonos regresar* (ARENAS, 1985. p. 4. Grifos do autor, itálicos nossos).

Através do jogo de palavras que alterna a terceira pessoa do singular com a primeira do plural, forja-se uma conexão entre Martí e a geração de Mariel a partir do exílio e do nacionalismo. O exílio é compreendido como forma “tradicional” de oposição a uma sociedade autoritária e como tema pertinente a todos os cubanos. Utilizando-se do jogo de pronomes, Arenas inclui Martí como crítico do governo revolucionário, personificado na figura do tirano. O escritor cubano exilado, Cesar Leante utiliza-se da mesma figura da tirania para criticar o regime revolucionário cubano a partir das ideias de Martí, de forma que não só rechaça o autoritarismo do regime, como questiona sua legitimidade e estabelece relações de continuidade entre a Revolução de 1959 e a administração colonial:

No hay ensañamiento antiespañol en el independentismo cubano, sino airado levantamiento contra la tiranía, que en el concepto martiano "es una misma en sus varias formas; aun cuando se vista en algunas de ellas de nombres hermosos y de hechos grandes". Por eso
"Estimo a quien de un revés
Echa por tierra a un tirano;
Lo estimo, si es un cubano;
Lo estimo, si aragonés." (LEANTE, 1985, p. 16).

Além de questionar a retórica anti-imperialista do regime revolucionário cubano frente aos Estados Unidos e os discursos oficiais que reivindicavam para si a herança independentista de Martí, Leante, como vários intelectuais que publicaram nessa edição da revista, legitima suas ideias com citações do próprio "apóstolo". No contexto das relações entre a administração Reagan e Cuba, podemos interpretar o texto de Leante como uma defesa do endurecimento das políticas externas estadunidenses em relação à ilha, influenciadas por grupos de lobbying como a *Cuban American National Foundation*⁹.

Considerações finais

Parcela da produção intelectual cubana do século XIX - poemas sobre o exílio de José Maria Heredia, Gertrudis Gómez de Avellaneda, Luisa Pérez de

⁹ Um dos grupos mais efetivos de lobbying em Washington, pressionando o Congresso em assuntos cubanos. Foi fundado, em 1981, por exilados cubanos da burguesia de classe média alta, entre eles, Jorge Mas Canosa, reconhecido líder da comunidade cubana conservadora de Miami. Sua formação foi estimulada pela administração Reagan. Sua atuação foi fundamental para que o Congresso norte-americano aprovasse e mantivesse legislações que endureciam o embargo econômico e as relações exteriores com Cuba. Fortemente anticomunista, atualmente a CANF se autodenomina uma instituição sem fins lucrativos, a favor da democracia e dos direitos humanos. A instituição defende a transição para uma democracia pluripartidária e baseada numa economia de mercado (MORRONE, 2008, p.64-78).

Zambrana e do próprio Martí - já havia sido retomada na seção *Confluencias* no número seis da revista, sob o título de *Desgarramiento y fatalidad en la poesía cubana*. Essa produção foi lida como contribuinte da construção de um sentido e consciência de nacionalidade:

Poesía es lo que trasciende, lo que nos agrupa, identifica y señala en forma permanente. Más que en los voluminosos libros de texto, la verdadera historia del hombre, de los pueblos, de la humanidad, la recoge y resume en forma estricta el poema. Un pueblo, un país, no existe como tal en tanto que carezca de poetas que lo definan. La poesía es la profundidad, la secreta conciencia, el alma de un pueblo. Podemos afirmar que los pueblos que hayan logrado desarrollar el lenguaje de la poesía, que es lenguaje de la belleza y el desgarramiento, no el del ditirambo y el canto circunstancial, han logrado un sitio en la eternidad; pues han alcanzado la dicha (la fatalidad) de perdurar, de quedar como espíritu, como conciencia, como sentido de nacionalidad, aun cuando momentáneamente o indefinidamente parezca a veces que dichos pueblos han sucumbido... Ese aliento superior que es el poema, secreta e incesantemente nos nutre, exalta - y engrandece, alentándonos, dignificándonos, reconstruyéndonos. El poema es lo que nos da una dimensión de futuro, lo que justifica que hayamos tenido un pasado. Poema es lo que queda después del derrumbe, más allá del incendio; resistencia al golpe, reto al horror, triunfo de la pasión, la magia y la memoria, por encima y a pesar del estruendo, del cacareo, de la propaganda y sus estímulos, del avance de las hordas en (o desen) capuchadas (ARENAS, 1984, p. 22).

Desse modo, entendemos que os discursos sobre o exílio, a literatura do século XIX e a figura de José Martí exerceram uma função cara em *Mariel* para a construção de uma retórica nacionalista, que legitimou os intelectuais da revista e os inseriram dentro de discursos sobre a nação cubana. Através da projeção do presente no passado, localizava-se visões muito semelhantes às da revista acerca do autoritarismo e da função da literatura nos poetas românticos do século XIX:

Nuestra tradición encuentra en estos poetas románticos de primera magnitud una vía de expresión adecuada. [...] Qué es en fin para un romántico el sentido de la poesía? La trascendencia absoluta; fuego abrasador ante el cual sólo se encuentra consuelo y fin. Búsqueda de una plenitud donde el poeta, oficiando de pequeño dios o ángel caído, logra finalmente expresarse; es decir, ser; encontrarse. A través, por y para la poesía, vivirá el hombre romántico. [...] Para el romántico la poesía es la máxima (y la única) posibilidad de sobervivirse. Lo único, en última instancia, que cubre de prestigio, que imanta con un sentido superior la vida. Siendo así, viviendo por y para esa ansia de fundirse, de interpretar lo trascendente, para el romántico, *los trabajos que el vivir cotidiano impone son un fastidio, y la opresión algo intolerable, por ser lógicamente lo opuesto por esencia a búsqueda de libertad: a especulación o a creación.* [...] (ARENAS, 1984, p. 22. Itálicos nossos).

Em *Mariel*, a tradição cubana é de sofrimento, fatalidade, autoritarismo, exílio e busca por liberdade. A linguagem do sofrimento exerceu um papel fundamental no estabelecimento de relações com o século XIX, ao mesmo tempo que funcionou como forma de crítica ao regime revolucionário cubano e às suas experiências na ilha. A rede intelectual conformada ao redor da publicação foi integrada também por personagens referentes, estabelecendo-se “genealogias intelectuais” nas quais os escritores marielistas se localizavam temporalmente em processos de longa duração para legitimarem sua posição (PITA GONZÁLEZ, 2008, p. 7). Partindo da compreensão da invenção das tradições, como proposto por Eric Hobsbawm (1984, p. 9), entendemos que além de estabelecer uma continuidade com o passado, os marielistas apreciavam valores como o individualismo e a autenticidade, em contraposição às ideias de “homem novo”¹⁰.

¹⁰ No caso cubano, o conceito foi desenvolvido e simbolizado, principalmente, por Ernesto Che Guevara, e refere-se ao homem consciente que não só seria originado pela Revolução,

Na construção de um discurso nacionalista e, simultaneamente, homossexual, o resgate da literatura do século XIX e do capital simbólico de José Martí foram essenciais na revista. Entendemos que, dessa forma, discutiu-se a própria nação cubana, visto que, desde o século XIX, homossexuais foram simbolizados como entraves à existência nacional, visando uma “nación-sexualidad imaginada, construida y subyacente en la concepción de la Nación misma, que garantice a través de un conjunto de relaciones y representaciones simbólicas su estabilidad y su reproducción social” (MADERO, 2005, p. 69). Afinal, a identidade nacional constitui um mecanismo de controle social, e “la construcción de la sexualidad empieza a ser utilizada para definir y regular las nociones de nacionalidad, capas, estamentos y clases sociales” (MADERO, 2005, p. 69). Além disso, os desenhos das sociedades latino-americanas do século XIX, como a cubana, foram pensados em termos essencialmente masculinos (MADERO, 2005, p. 72).

Ainda que a Revolução de 1959 tenha marcado o início de um novo momento nacionalista, o “homem novo”, simbolizado por Che Guevara, continha muitos traços de uma masculinidade viril e heteronormativa, e o regime revolucionário se apropriou simbolicamente das experiências nacionalistas do século XIX. Compreendemos que a revista se inseriu como agente insular no movimento por direitos da comunidade homossexual, e utilizou-se da intelectualidade cubana para discutir essa questão e as próprias concepções de nação. Assim, concordamos com Mónica Simal quando afirma que: “*Mariel* hizo esta intervención cultural y política sobre el tema de la homosexualidad como parte de su estrategia de reescritura de lo cubano y del

mas que ajudaria a construir e perpetuar a nova sociedade socialista. O homem novo seria desprovido de individualismo, e lutaria diariamente, mediante o trabalho e a educação, contra os velhos valores e condutas morais, comprometendo-se integralmente com o coletivo e a nova sociedade.

sujeto nacional" (SIMAL, 2016, p. 79).

Concordamos, ainda, com María Fernanda Pampín (2018, p. 243) quando afirma que muitos dos textos do número 8 da revista provocaram reflexões acerca da definição de pátria, da identidade cubana, da literatura nacional, da construção do cânone literário cubano, do papel do intelectual e do exílio. Assim como Pampín (2018), entendemos que *Mariel* contesta as identificações de Martí com a Revolução Cubana construída pelos discursos oficiais, a partir de um contradiscurso do exílio, conformando uma oposição política ao regime revolucionário por meio da cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

a) DOCUMENTAIS

ARTIGOS

ARENAS, Reinaldo. **Desgarramiento y fatalidad en la poesía cubana**. *Mariel*, n. 6, 1984, p. 22-23.

ARENAS, Reinaldo. **Martí ante el bosque encantado**. *Mariel*, n. 8, 1985, p. 4

FERNÁNDEZ DE LA VEGA, Oscar. **Siempre Martí**. *Mariel*, n. 8, 1985, p. 19.

HENKEN, Rosie. **Ripoll y el Martí "marxista"**. *Mariel*, n. 8, 1985, p. 38.

LEANTE, Cesar. **Martí en España**. *Mariel*, n. 8, 1985, p. 16.

Mariel. **Confluencias**. *Mariel*, n. 1, 1983, p. 16.

ROCA, Luis Felipe. **El gozoso gentío**. *Mariel*, n. 8, 1985, p. 11.

VALLADARES, Armando. **Oración**. *Mariel*, n.8, 1985, p. 3.

VICTORIA, Carlos. **Nota sobre una estrella que ilumina y mata**. *Mariel*, n. 8, 1985, p. 7.

DISCURSOS

CASTRO, Fidel. **La historia me absolverá**. 1953. Disponível em: <http://bureau.comandantina.com/archivos/La%20Historia%20me%20absolvera.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

CASTRO, Fidel. **Primera Declaración de la Habana**. Disponível em: http://www.cubadebate.cu/especiales/2017/09/02/primera-declaracion-de-la-habana-el-derecho-a-la-libertad/#.W_Jv6-hKjIU. Acesso em: 28 maio 2021.

CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado en la inauguración del IV Congreso del Partido Comunista de Cuba, efectuada en el teatro Heredia, Santiago de Cuba, el día 10 de octubre de 1991**. Disponível em: <http://www.fidelcastro.cu/es/discursos/pronuncia-discurso-en-la-inauguracion-del-iv-congreso-del-partido-comunista-de-cuba>. Acesso em: 28 maio 2021.

GUEVARA, Che. **Discurso en la conmemoración del natalicio de José Martí**. Disponível em: http://www.cubadebate.cu/especiales/2015/05/19/che-guevara-en-discurso-por-aniversario-de-marti-a-los-heroes-no-se-les-puede-convertir-en-estatuas/#.W_JunuhKjIU. Acesso em: 28 maio 2021.

b) BIBLIOGRÁFICAS

ARANGO, Arturo. **Con tantos palos que te dio la vida: poesía, censura y persistencia**. Conferencia leída por su autor, el 15 de mayo de 2007, en el

Instituto Superior de Arte (La Habana), como parte del ciclo La política cultural del período revolucionario: Memoria y reflexión, organizado por el Centro Teórico-Cultural Criterios

BANDEIRA, Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Editora Contexto, 2012.

CAÑIZARES CÁRDENAS, José Luis. **José Martí y el marxismo: una reflexión necesaria. IV Conferencia Internacional "La obra de Carlos Marx y los desafíos del siglo XXI"**. Disponível em: https://www.nodo50.org/cubasigloXXI/congreso08/conf4_canizaresc.pdf. Acesso em: 28 maio 2021.

CASTRO, Fidel. **Fidel y la Religión: conversaciones con Frei Betto**. Siglo XXI Editores, 1998.

ETTE, OTTMAR. **La revista Mariel (1983-1985): acerca del campo literario y político cubano**. Mariel (Revista) Papers, 1985.

FORNET, Ambrosio. **El Quinquenio Gris: revisitando el término. Conferencia leída por su autor, el 30 de enero de 2007**. Casa de las Américas (La Habana), como parte del ciclo La política cultural del período revolucionario: Memoria y reflexión, organizado por el Centro Teórico-Cultural Criterios.

GOTT, Richard. **Cuba – Uma nova história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

HEREDIA, Fernando Martínez. **Pensamiento social y política de la Revolución**. Palabras leídas por su autor, el 3 de julio de 2007, en el Instituto Superior de Arte (La Habana), como parte del Ciclo La política cultural del período revolucionario: memoria y reflexión, organizado por el Centro Teórico-Cultural Criterios.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MARQUES, Rickley. **A Condição Mariel: memórias subterrâneas da Revolução Cubana**. Goiânia: EDUFMA, 2012.

MADERO, Abel Sierra. **Sexualidades disidentes en el siglo XIX en Cuba**. E.I.A.L., Vol. 16 – No 1, 2005.

MISKULIN, Sílvia. **Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961- 1975)**. São Paulo: Alameda, 2009.

MORRONE, Priscila. **A Fundação Nacional Cubano-Americana (FNCA) na política externa dos Estados Unidos para Cuba**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais UNESP/UNICAMP/PUC-SP, São Paulo, 2008.

PAMPÍN, María Fernanda. **El final de Mariel como punto de partida. La disputa por José Martí desde el exilio cubano**. Caracol, São Paulo, n. 16, jul./dez, pp. 240-255, 2018.

PITA GONZÁLEZ, Alejandra. **Las revistas culturales como fuente para el estudio de redes intelectuales**. In: Palácio Montiel, Celia del; Martínez Mendoza, Sarelly (coord.). *Voces en papel. La prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970*, México: Universidad Autónoma de Chiapas, 2008.

QUEIROZ, Maria José de. **Os males da ausência, ou a literatura do exílio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

ROJAS, Rafael. **Motivos de Anteo. Pátria y nación en la historia intelectual de Cuba**. Madrid: Editorial Colibri, 2008.

SABORIDO, Emilio J. Gallardo. **(Super)vivencias grises: escritores y política cultural cubana durante la década de 1970**. In: GARCÍA, Jesús Raúl Navarro; PALOMO, José Jesús Hernández; OYOLA, Ángel Luis Vélez; COLLAZO,

Rafael Luis Cabrera (coords.) El Caribe y sus relaciones con España: políticas y sociedades en transformación (siglos XIX-XX). Universidad Interamericana de Puerto Rico, 2013, p.213-239.

SADER, Emir. **A revolução cubana**. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 1986.

SIMAL, Mónica. **En defensa del intelectual homosexual disidente: la revista Mariel frente al discurso homofóbico de la revolución cubana**. In: CUESTA, Mabel (Org.). *Nuestro Caribe: Poder, Raza y Postnacionalismos desde los límites del mapa LGBTQ*. San Juan: Isla Negra Editores, , pp. 65-85, 2016.

Recebido em Outubro de 2021.

Aprovado em Dezembro de 2021.